

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G563s

Goldberg, Jonah

O suicídio do ocidente [recurso eletrônico] : como o tribalismo, o populismo, o nacionalismo e a política identitária estão destruindo a democracia / Jonah Goldberg ; tradução Alessandra Borrunquer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2020.

recurso digital

Tradução de: Suicide of the west

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Apêndice

Inclui índice

ISBN 978-65-5587-160-9 (recurso eletrônico)

1. Democracia - Estados Unidos. 2. Cultura política - Estados Unidos. 3. Estados Unidos - Política e governo 4. Livros eletrônicos. I. Borrunquer, Alessandra. II. Título.

20-66971

CDD: 321.80973

CDU: 321.7(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Copyright © 2019 by Jonah Goldberg

Título original em inglês: Suicide of the west

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

SUMÁRIO

PARTE I

INTRODUÇÃO: Tropeçando em um milagre

UM: Natureza humana: nosso homem tribal interno

DOIS: Corrompendo o milagre: quando a natureza humana reage

PARTE II

TRÊS: O Estado: um mito combinado

QUATRO: O nascimento do capitalismo: um acidente glorioso

CINCO: A batalha eterna: razão versus busca por sentido

SEIS: O milagre americano: eles escreveram

PARTE III

SETE: As elites: aristocratas liberados

OITO: A era progressista: o nascimento da constituição viva e a morte da liberdade

NOVE: O Estado administrativo: o governo das sombras

DEZ: Tribalismo hoje: nacionalismo, populismo e política identitária

ONZE: Política da cultura popular: Godzilla, rock & roll e o espírito romântico

DOZE: A família está perdendo a guerra contra a barbárie

TREZE: A era Trump: os perigos do populismo

CATORZE: As coisas desmoronam: o experimento norte-americano em risco

CONCLUSÃO: O declínio é uma escolha

APÊNDICE: Progresso humano

Notas

Agradecimentos

Índice

PARTE I



INTRODUÇÃO:

TROPEÇANDO EM UM MILAGRE

Não há Deus neste livro.

Os seres humanos desta história são animais que evoluíram de outros animais, os quais, por sua vez, evoluíram de animais ainda mais constrangedores e, antes disso, de um humilhante mar de limo, lodo, carnes e vegetais no ensopado original. Saímos da lama, não de algum Jardim do Éden. Aliás, se o Jardim do Éden existiu, era uma favela. Criamos o Milagre da modernidade por nós mesmos e, se o perdermos, também será nossa responsabilidade.

Este livro assume que o Altíssimo não guia os assuntos humanos e não intercede em nosso favor. Deus não está no retrato. Bem, Ele está no retrato no sentido de que a *ideia* de Deus — e deuses — tem grande papel nos assuntos humanos. Mas minha hipótese é a de que Deus está em nossas mentes e corações, não no céu acima de nós.

A única concessão a minhas próprias crenças está na palavra “assume” do parágrafo anterior. Assumo isso com vistas a um argumento. Não sou ateu, mas acho útil personificar um ateu para o argumento que desejo apresentar, como meio de guiar o leitor através de uma maneira de pensar sobre o mundo.

Nas democracias baseadas no Iluminismo, as alegações de que algo é verdadeiro porque Deus disse são inerentemente suspeitas, pois

parte do objetivo iluminista era criar um espaço no qual as pessoas pudessem discordar sobre aquilo que Deus queria de nós — se é que queria alguma coisa. É por isso que a mais elevada forma de argumentação em uma democracia lança mão de fatos fundamentados na razão e na decência. Não nego que sou passional em certas partes deste livro, mas tento não deixar que a paixão passe à frente dos fatos ou argumentos. Isso porque acredito que a persuasão importa, embora não se possa perceber isso nos últimos anos da vida norte-americana. À direita e à esquerda, persuadir os oponentes está fora de moda, substituído pelo mandado de agitar os apoiadores. Estou cansado disso, particularmente em meu próprio “lado”. Assim, decidi correr o risco e fazer isso à moda antiga.

Para os objetivos deste livro, assumo que quase todas as importantes verdades sobre o bem e o mal ou a liberdade e a tirania não são evidentes. Mas podem ser descobertas. As verdades que conhecemos foram descobertas por nós mesmos, durante um longo período. Após milhares de gerações de tentativa e erro, descobrimos as “melhores práticas” lá fora no mundo, como prêmios em alguma eterna caça ao tesouro. Se os conceitos de certo e errado fossem tão universalmente óbvios para todos como os conceitos de quente e frio, estariam vazias as prateleiras das bibliotecas que rangem sob o peso de tomos narrando guerras e barbaridades.

E, para aqueles que não conseguem suspender a fé em Deus e acreditam que Ele revelou tudo que precisamos saber, sem problema. Tudo que eu peço é que vocês tenham em mente que Ele levou muito tempo para revelar tudo. Os judeus, para não mencionar Jesus, surgiram muito tarde na história da humanidade. E, muito depois de os Dez Mandamentos e a Bíblia terem surgido, a maior parte da humanidade passou milhares de anos ignorando as instruções divinas.

Se Deus não pode receber o crédito, no entanto, tampouco o pode qualquer um de seus substitutos mais populares. Não houve dialética, inevitabilidade, teleologia ou algoritmo oculto a transformar o sucesso humano em resultado garantido. O que aconteceu, *aconteceu*, mas não *tinha* de acontecer. Não há “lado certo da história”. Nada é predeterminado.

Se você não consegue abandonar a ideia de que existe um grande plano para o universo — de que nós, como indivíduos, nação ou espécie, temos algum destino inevitável —, também não tem problema. Tudo que peço é que você considere uma proposição secundária: *não temos nenhuma escolha a não ser viver sob a hipótese de que é assim.*

Por exemplo, muitos filósofos, físicos e neurocientistas possuem evidências depressivamente convincentes de que não existe livre-arbítrio. As imagens cerebrais revelam que muitas de nossas decisões conscientes já foram tomadas subconscientemente antes de surgirem em nossa cabeça. Parece que livre-arbítrio é somente uma história que nosso cérebro nos conta.

Mas eis o problema: mesmo que você acredite que não existe livre-arbítrio, é impossível viver qualquer tipo de vida decente com base nessa crença. Mesmo que nossas escolhas pessoais sejam alguma ficção profunda, ainda precisamos nos convencer a sair da cama pela manhã. Ainda somos obrigados, como sociedade, a julgar as pessoas como se elas fizessem suas próprias escolhas.

O mesmo vale para toda nação e civilização. Você pode acreditar que forças frias e impessoais impulsionam a humanidade para certo destino assim como o vento impulsiona uma folha, mas ainda precisamos argumentar sobre quem eleger para presidente, o que o Congresso deve fazer e o que as escolas devem ensinar. Tagarele o quanto quiser com seus amigos de bar sobre como o livre-arbítrio é uma ilusão; você ainda precisará ir trabalhar pela manhã.

Todos entendemos, instintivamente, que as escolhas importam —

paradoxalmente, porque não temos escolha a não ser pensar assim.

Para que fique claro, não estou defendendo algum tipo de niilismo ou relativismo moral. O filósofo Richard Rorty famosamente escreveu, em *Consequences of Pragmatism* [Consequências do pragmatismo]:

Suponha que Sócrates estava errado, que *não* vimos a Verdade certa vez e, portanto, não a reconheceremos instintivamente quando a virmos novamente. Isso significa que, quando a polícia secreta chegar, quando os torturadores violarem o inocente, não haverá nada que possamos dizer a eles na linha de “Há algo em seu interior que vocês estão traindo. Embora vocês personifiquem as práticas de uma sociedade totalitária que durará para sempre, para além dessas práticas há algo que os condena”.

É difícil conviver com essa ideia, assim como com a observação de Sartre:

Amanhã, após minha morte, certas pessoas podem decidir estabelecer o fascismo e as outras podem se sentir acovardadas ou miseráveis o suficiente para permitir. Nesse momento, o fascismo será a verdade do homem, e tanto pior para nós. Na realidade, as coisas serão como o homem decidir que serão.¹

Acho que há muita verdade nisso. O que as sociedades decidem ser certo ou errado se torna o que *é* certo e errado para a maioria das pessoas que vivem nelas. Mas as lições da história demonstram que as sociedades podem escolher mal, e isso pode ser provado empiricamente, a partir dos fatos e da razão. Algumas culturas são melhores que outras, não por causa de alguma diáfana alegação metafísica, mas porque permitem que mais pessoas tenham vidas felizes, prósperas e significativas, sem prejudicar outras pessoas no processo. Como isso é verdade, estamos todos incumbidos de lutar por uma sociedade melhor, de defender as lições duramente

aprendidas da história humana e de sermos gratos por tudo que conquistamos. Este livro começa e termina com essa simples ideia.

Com tudo isso em mente, vamos revisar, não necessariamente em ordem, o conteúdo deste livro.

Meu argumento começa com algumas afirmações: o capitalismo não é natural. A democracia não é natural. Os direitos humanos não são naturais. O mundo em que vivemos hoje não é natural e chegamos a ele mais ou menos por acidente. O estado natural da humanidade é a pobreza opressiva, pontuada pela violência horripilante e terminando em morte precoce. Foi assim durante muito, muito tempo.

Imagine que você é um alienígena encarregado de acompanhar o *Homo sapiens* nos últimos 250 mil anos.²¹ A cada 10 mil anos, você volta para conferir.

Em seu bloco de notas, você registrou algo assim:

Visita 1: símios quase sem pelos, eretos e nômades, forrageando e lutando por comida.

Visita 2: bandos de símios quase sem pelos, eretos e nômades, forrageando e lutando por comida. Nenhuma mudança.

Visita 3: bandos de símios quase sem pelos, eretos e nômades, forrageando e lutando por comida. Nenhuma mudança.

Com exceção de alguns detalhes interessantes sobre suas migrações e subsequentes mudanças de dieta, ferramentas rudimentares e competição com os neandertais, você escreveria a mesma coisa 23 vezes durante 230 mil anos. Na vigésima quarta visita, você notaria algumas mudanças espantosas. Agricultura básica e domesticação de animais foram descobertas por muitas das dispersas populações humanas. Algumas usam metal para produzir armas e ferramentas. A

cerâmica avançou consideravelmente. Abrigos rudimentares feitos de lama e grama pontilham algumas paisagens (introduzindo um novo conceito na história humana: o *lar*). Mas não há estradas e nenhuma edificação de pedra que mereça esse nome. Mesmo assim, foi um avanço bastante impressionante em meros 10 mil anos.

Retornando avidamente 10 mil anos depois, a nave de nosso visitante alienígena sem dúvida seria detectada pelo NORAD. Ele poderia chegar aqui a tempo de ver o show de Janet Jackson durante o intervalo do Super Bowl.

Em outras palavras, quase todo o progresso da humanidade ocorreu nos últimos 10 mil anos. Mas isso é enganoso. É como dizer que, entre Jeff Bezos, Mark Zuckerberg e eu, nosso patrimônio líquido combinado é de mais de 150 bilhões de dólares. Porque, durante a maior parte desses 10 mil anos, a maior parte da humanidade viveu na miséria. De fato, muitos argumentam — plausivelmente — que a revolução agrícola *piorou* as coisas. Nossa dieta se tornou menos diversificada e, para a vasta maioria, os dias passaram a ser definidos pelo trabalho tedioso e extenuante.

A espantosa verdade é que quase todo o progresso humano ocorreu nos últimos trezentos anos (e, para muitos dos bilhões de não ocidentais retirados da pobreza esmagadora graças ao capitalismo, nos últimos trinta anos). Por volta do ano 1700, em um canto do continente eurasiático, a humanidade tropeçou em uma nova maneira de organizar a sociedade e pensar sobre o mundo. Não pareceu óbvio, mas foi como se um grande contingente da humanidade tivesse atravessado um portal para um mundo diferente.

Seguindo o sociólogo Robin Fox e o historiador Ernest Gellner, chamo esse mundo diferente de “o Milagre”. E nós o criamos, mesmo sem saber muito bem o que estávamos fazendo. “Únicos entre as espécies”, escreveu Fox, “criamos o ambiente novo e o ambiente supernovo que se seguiram ao Milagre, por nós mesmos e para nós mesmos.”³

O Milagre está relacionado a mais que economia, mas a economia é a melhor maneira de contar a história do salto quântico da humanidade para fora de seu ambiente natural de pobreza. Até a década de 1700, os seres humanos de todos os lugares — Europa, América do Norte, América do Sul, Ásia, África, Austrália e Oceania — viviam com o equivalente a algo entre 1 e 3 dólares por dia. Desde então, a prosperidade humana explodiu em todo o mundo, começando na Inglaterra e na Holanda, com o restante da Europa Ocidental e da América do Norte logo atrás. Debata as mudanças climáticas o quanto quiser. Este é o gráfico de “taco de hóquei” mais importante de toda a história humana:⁴

Incluí um apêndice, com gráficos, narrando a transformação do Milagre em detalhes, possivelmente detalhes demais. Se você precisa de persuasão adicional sobre esse ponto, eu o encorajo a lê-lo. Se não precisa, sintase livre para passar direto por ele.

Contudo, é crucial que o leitor percorra o restante do livro sabendo quão diferente se tornou o ambiente da humanidade em um piscar de olhos, em termos evolutivos. Como disse o economista Todd G. Buchholz, “Durante a maior parte da vida do homem na Terra, ele não viveu melhor sobre duas pernas do que vivera sobre quatro”.⁵ Pela primeira vez na história humana, o grande desafio não era sobreviver, mas lidar com a abundância.

Como discuto longamente, o Milagre foi produto de uma transformação profunda e sem precedentes na maneira como os seres humanos pensavam sobre o mundo e seu lugar nele. A prosperidade do Milagre não ocorreu em função da revolução científica, da acumulação de propriedade privada ou do comércio. Todas essas coisas desempenharam papéis importantes, mas a ciência, a tecnologia, o comércio e a propriedade existiram em incontáveis

civilizações anteriores ao Milagre e, todavia, não conseguimos atingir velocidade de escape do *status quo* de 1 a 3 dólares por dia. As ideias mudaram tudo. Essa nova maneira de pensar, que chamo de revolução lockiana, representou uma ampla e profunda mudança nas atitudes populares. Ela defendia que o indivíduo era soberano; que nossos direitos vinham de Deus, não do governo; que os frutos de nosso trabalho nos pertenciam; e que nenhum homem deveria ser menos igual perante a lei por causa de sua fé ou classe. É claro que tal modo revolucionário de ver o mundo não foi universalmente aceito ou imediatamente implementado, mas o interruptor mental fora acionado.

Pela primeira vez na história humana, o próprio Estado era mais que uma glorificada empreitada criminosa. A emergência do Estado há milhares de anos foi uma condição benéfica para o surgimento do Milagre, mas não altera o fato de que o Estado começou como meio de exploração. Todos os Estados anteriores ao Milagre foram projetados para o progresso da minúscula parcela de seres humanos no topo. Em todo o mundo, os governantes viam as massas como pouco mais que instrumentos de sua vontade. Certamente, os seres humanos inventaram todo tipo de teologia e ideologia, como o direito divino dos reis, para racionalizar esses sistemas como algo mais nobre (e alguns eram melhores que outros), mas, na hora da verdade, os interesses dos governantes sempre vinham primeiro.

E, no entanto, esses sistemas duraram milhares de anos. De fato, a maioria dos seres humanos vive em sociedades nas quais as antigas regras ainda se aplicam em grande medida. Por quê? Porque há algo sobre a tirania, a monarquia e o autoritarismo que “funciona”, com o que quero dizer que há algo em nossa programação que acha tais sistemas *naturais*.

O que nos leva à natureza humana, o assunto do capítulo 1. Os fósseis dos primeiros primatas com o prefixo latino *Homo* têm pouco menos de 6 milhões de anos. O *Homo sapiens* surgiu entre 200 mil e

300 mil anos atrás. O Milagre começou há trezentos anos. Estamos falando de meia dúzia de vidas humanas.²

A mudança evolutiva não opera em uma linha de tempo tão curta. O ponteiro mal se move em incrementos de 10 mil anos. Em outras palavras, todo mundo que está lendo este livro carrega a mesma programação básica que os seres humanos que labutavam nos campos de trigo da Mesopotâmia ou carregavam espadas nas florestas da África, da Alemanha ou do Vietnã. Mesmo levando-se em conta a visão de que certas populações possuem traços distintivos que evoluíram em períodos mais curtos que os últimos dez ou vinte milênios, tais diferenças são triviais contra o pano de fundo da programação inata que adquirimos entre os últimos 200, 300 mil anos — quem dirá nos últimos 6 milhões de anos.

Para todas as intenções e propósitos, a natureza humana permanece constante enquanto o mundo muda à nossa volta. Essa verdade é mais bem compreendida a partir da literatura em comparação à ciência. Quando lemos sobre personagens do passado distante ou do futuro distante, o que os torna reconhecíveis é o fato de ainda serem como *nós*: seres humanos com todos os desejos, alegrias e medos normais que experimentamos.

Dito claramente, da perspectiva de nossos genes, não deveríamos viver como vivemos, com riqueza, direitos, liberdade e todos os seus frutos. Como descrevo no capítulo sobre a natureza humana, nossa condição natural não é meramente pobre, ela é *tribal*.⁶

Durante toda a história humana — e a maior parte da história primata⁷ — até a revolução agrícola, os seres humanos viveram em grupos pequenos e frequentemente nômades. Isso significa que toda política, religião e economia humana — na extensão em que podemos usar tais palavras — era *pessoal*. Tribos e bandos realmente têm políticas internas. Somos imbuídos de um “instinto de coalizão” muito forte que nos ajuda a forjar alianças baseadas na lealdade e na reciprocidade. Mas, novamente, trata-se de interações pessoais, face a

face. Nosso entendimento de nosso lugar no universo, nosso senso de self em relação aos outros, foi definido por um pequeno punhado de pessoas que tiveram de trabalhar cooperativamente para sobreviver.

Em resumo, todo sentido era tribal. E, como o grande economista e filósofo Friedrich Hayek observou, os seres humanos ainda estão programados para entender o mundo em termos pessoais e tribais.

O segredo do Milagre — e da própria modernidade — deriva de nossa habilidade de conter essa tendência. É natural dar preferência à família e aos amigos — os membros da tribo — e ver estranhos como o Inimigo, o Outro perigoso. Quase todas as formas elevadas de organização social expandem a definição de “nós” para permitir modalidades mais amplas de cooperação. A religião nos ensina que nossos correligionários são aliados, mesmo quando são estranhos. O Estado-nação nos diz que os outros cidadãos são parte do glorioso *nós*. Mesmo o racismo moderno desempenha esse papel, assim como o comunismo, o fascismo e quase todos os outros ismos modernos.

Falaremos sobre esses ismos em breve. Por agora, os dois mais importantes são o liberalismo — e não me refiro a democratas ou progressistas partidários, mas ao entendimento original, baseado no Iluminismo, de direitos naturais e governo limitado — e o capitalismo. Entendido corretamente, o capitalismo não é uma ideologia ou um sistema separado do liberalismo. Mas separá-los aqui pode ser útil.

Nos capítulos seguintes, mostro como o liberalismo e o capitalismo criaram o Milagre, e como os Estados Unidos da América são fruto desse Milagre. Mas o ponto-chave a ser entendido neste livro é que nenhum deles é natural. A ideia de que devemos presumir que estranhos não apenas são inerentemente confiáveis, mas também possuem dignidade e direitos inatos não nos ocorre de forma natural. Temos de ser ensinados a pensar assim, cuidadosamente ensinados. O mercado livre é ainda menos natural, porque nos encoraja a ver os estranhos não somente como toleráveis, mas também como *clientes*.

A invenção do dinheiro foi um dos maiores avanços da liberação humana em toda a história registrada porque diminuiu as barreiras à interação humana benéfica. O dinheiro reduz a tendência natural de adquirir coisas de estranhos por meio da violência ao oferecer a oportunidade de comércio. Um dono de mercearia pode ter preconceito contra católicos, judeus, negros, brancos, gays ou algum outro grupo. Mas seu interesse pessoal o encoraja a ignorar tais coisas. Do mesmo modo, a cliente pode não gostar dele, mas seu interesse pessoal a encoraja a deixar tais sentimentos de lado a fim de comprar os ingredientes do jantar. Em um mercado livre, o dinheiro corrói casta e classe e lubrifica a interação social.

A violência, a maneira natural de conseguir o que se quer de estranhos, é soma zero. Eu bato em você com uma pedra e pego sua maçã. Há um vencedor que come a maçã e um perdedor com um galo na cabeça. O comércio é mutuamente benéfico, porque o comprador precisa da maçã e o vendedor precisa do dinheiro para alguma outra coisa. O comércio constrói confiança e encoraja estranhos a se ver como iguais em uma transação. O trabalho e o comércio em uma ordem de mercado criam métricas objetivas para julgar as pessoas. “Não ligo se Fulano é [negro, judeu, gay, católico], ele faz um bom trabalho e chega no horário.” O liberalismo, ao impor o Estado de direito e reconhecer os direitos de todos, especialmente os direitos de propriedade, torna o comércio mais fácil. O comércio, por sua vez, torna o liberalismo mais desejável.

O Milagre vem dessa visão de mundo. Ele é produto de uma revolução burguesa, uma ideologia de mérito, diligência, inovação, contratos e direitos da classe média do século XVIII. O capitalismo é o mais cooperativo sistema já criado para melhorar pacificamente a vida das pessoas. Ele tem uma única falha fatal: *não parece ser assim*.

O sistema de mercado é tão bom em fazer com que pessoas de todo o mundo trabalhem juntas que mal notamos o quanto estamos cooperando. O liberalismo, entretanto, ao se recusar a dar às pessoas

direção e sentido vindos de cima — como fez todo o sistema antigo e faz todo o totalitarismo moderno —, depende de uma sociedade civil saudável para fornecer a sensação de sentido e pertencimento que tanto desejamos. A sociedade civil, como explicarei mais tarde, é um vasto ecossistema social — famílias, escolas, igrejas, associações, esportes, negócios, comunidades locais etc. — que medeia a vida entre o Estado e o indivíduo. É a sociedade civil saudável, e não o Estado, que civiliza as pessoas. Chegamos a esse mundo da mesma maneira que qualquer homem das cavernas, viking, asteca ou romano: seres humanos em estado bruto, literal e figurativamente. Começando com a família, a sociedade civil nos introduz ao diálogo sobre o mundo e nosso lugar nele.

Quando a sociedade civil falha, as pessoas caem pelas fendas. As causas da falha podem assumir muitas formas, assim como as consequências. Mas uma coisa permanece bastante constante: quando falhamos em civilizar adequadamente as pessoas, a natureza humana ocorre. Na ausência de uma alternativa mais elevada, a natureza humana nos impulsiona a entender o mundo em nossos próprios termos instintuais: isso é o tribalismo.

A ilustração mais fácil desse mecanismo é a maneira como jovens de famílias disfuncionais e comunidades fragmentadas entram em gangues de rua há milhares de anos, em todo lugar do planeta. As gangues oferecem sentido e sensação de pertencimento, e operam de acordo com a lógica *nós-versus-eles* do tribalismo. Líderes comunitários heroicos entendem isso muito melhor que o restante de nós. É por isso que praticamente toda intervenção com jovens em situação de risco envolve fazer com que eles encontrem ligações mais saudáveis na sociedade civil, frequentemente por meio dos esportes, mas também do trabalho voluntário, do treinamento vocacional, da música, da arte e de outras atividades produtivas.

A mesma dinâmica se repete com terroristas, a Ku Klux Klan, a máfia e cultos de todo tipo. Fazer com que esses tribalistas modernos

encontrem sentido em outro lugar — na família, no trabalho, na fé — é a única maneira de civilizá-los.

Esse problema não é novo. Ele começou com a própria modernidade.

Em seu livro *Tribe: On Homecoming and Belonging* [Tribo: sobre volta ao lar e pertencimento], Sebastian Junger conta como as colônias inglesas na América do Norte foram afligidas por um problema bizarro: milhares de colonos europeus brancos queriam desesperadamente ser indígenas, mas praticamente nenhum indígena queria ser europeu. “Se um menino indígena que foi criado entre nós, aprendeu nossa língua e se habituou a nossos costumes”, explicou Benjamin Franklin em carta a um amigo em 1753, “visitar seus familiares e fazer um único passeio indígena com eles, não haverá como persuadi-lo a voltar”. Porém, acrescentou Franklin, quando brancos eram aprisionados pelos indígenas, eles se tornavam nativos e queriam permanecer indígenas, mesmo após retornarem a suas famílias. “Aqueles resgatados por seus amigos são tratados com toda a ternura imaginável, a fim de se convencer a permanecer entre os ingleses, mas, em pouco tempo, enjoam-se de nosso modo de vida [...] e aproveitam a primeira oportunidade para fugir novamente para as florestas.”⁸

Como observa Junger, esse fenômeno parecia ir contra todas as suposições de avanço civilizatório. E, mesmo assim, continuava a acontecer, milhares e milhares de vezes.⁹ Por quê? Porque há algo profundamente sedutor na vida tribal. A maneira ocidental dá muito trabalho.

Mas esse não é um fenômeno somente entre pessoas pobres, pouco educadas ou estrangeiras no Novo Mundo. A atração pela tribo está inscrita em todo coração humano e pode assumir formas altamente sofisticadas e intelectualizadas. Em capítulos posteriores, argumento que a sensação de alienação que sentimos em relação ao capitalismo democrático liberal deveria ser corretamente compreendida como

romantismo. Como veremos, é complicado identificar precisamente o significado, a história e as formas de romantismo. Mas concordo com os acadêmicos que argumentam que o romantismo começa com o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau. A essência do romantismo, para Rousseau e aqueles que se seguiram, é a primazia dos sentimentos. Especificamente, o fato de sentirmos que o mundo em que vivemos não está certo, que é insatisfatório e desprovido de autenticidade e sentido (ou simplesmente exige demais de nós e deve haver uma maneira mais fácil). Em segundo lugar, como nossos sentimentos nos dizem que o mundo está desequilibrado, que é manipulado, artificial, injusto ou — mais frequentemente — opressivo e explorador, nossa programação nos leva à crença de que *alguém deve ser responsável*. Os malvados que puxam as cordinhas assumem formas diferentes, dependendo da variante de tribalismo. Mas os mais comuns incluem judeus, capitalistas e — atualmente na direita — globalistas e marxistas culturais.

Assim, argumento que o romantismo não acabou, ainda que o período que chamamos de romântico tenha sido consignado a livros pesados nas bibliotecas. O capitalismo democrático liberal não nos dá muito em termos de sentido; ele meramente nos fornece a liberdade de encontrá-lo na sociedade civil e no mercado. Para alguns — muitos! —, isso não basta. Assim, buscamos novas teorias, causas e ideologias que tenham todas as respostas e prometam nos tirar daqui e nos levar para um imaginado mundo melhor, repleto de harmonia, igualdade — ao menos para as pessoas certas —, autenticidade e sentido.

Karl Marx, apesar de toda a sua falação sobre socialismo científico, era um romântico incurável, convencido de que forças malévolas — os judeus, a classe dirigente, os industriais, o “capital” — exploravam as massas.¹⁰ Ele argumentou — “profetizou” é uma palavra melhor — que, se as massas, os trabalhadores do mundo, se unissem em solidariedade tribal, poderiam derrotar seus mestres e levar a

humanidade a um novo e glorioso reino no qual viveríamos essencialmente como se vivia no Éden. O nazismo partilhou muitas dessas teorias sobre quem estava por trás da cortina, manipulando o povo alemão. A visão de Adolf Hitler sobre o fim da história era diferente da de Marx, mas ele partilhava do sonho de que sua tribo chegaria à Terra Prometida.

Afirmo que todas as rebeliões contra a ordem liberal do Milagre são de natureza fundamentalmente romântica e *reacionária*. Elas buscam alguma concepção moderna e futurística da organização social. Em vez disso, retornam a alguma forma de solidariedade tribal na qual estamos todos unidos. O romantismo é a voz com a qual nosso homem primitivo interior grita: “Tem de haver uma maneira melhor!”

Mas — alerta de spoiler! — *não há*. É isso. Olhe em torno: você está em pé sobre o fim da história. Em termos econômicos, nenhum outro sistema cria riqueza. Podemos ficar mais ricos e solucionar muitos dos problemas que ainda afligem a sociedade moderna. Os remédios para esses problemas podem exigir mais ou menos intervenção governamental. Contudo, em última análise, não podemos aprimorar as hipóteses fundamentais do Milagre. Todos os outros tipos de economia — se é que existem outros tipos de economia³ — focam não em criar riqueza, mas em redistribuí-la. Isso não é economia; isso é *política*.

O que nos leva ao segundo tema central deste livro: a corrupção.

Esse desejo de retornar a nosso self autêntico não pode ser erradicado (nem deveríamos tentar). Mas pode ser canalizado. Temos a necessidade e o desejo inatos de comer, mas esse desejo tem de ser cultivado da maneira correta se quisermos ter vidas saudáveis. Argumento que as ideias e os movimentos políticos baseados na ideia romântica de seguir nossos sentimentos e instintos podem ser mais bem entendidos como *corrupção*. Para o ouvido moderno, “corrupção” sugere criminalidade menor, especialmente entre

políticos. Mas esse é um entendimento estrito e limitado sobre o que é realmente a corrupção. “Corrupção” significa literalmente deterioração, apodrecimento e putrefação.

Em outras palavras, corrupção é o processo natural de entropia a partir do qual a natureza toma de volta o que lhe pertence. A ferrugem corrói o ferro até que ele retorne ao solo. Os cupins comem qualquer casa de madeira se tiverem os dois únicos ingredientes de que necessitam: oportunidade e tempo. A única maneira de lutar contra as garras ávidas da natureza é o cuidado humano. Qualquer dono de barco sabe que não há substituto para a manutenção e a vigilância. E dá-se o mesmo com o Milagre.

Como toda geração entra neste mundo com sua programação natural intacta, toda geração deve ser convencida de que o mundo no qual teve a bênção de nascer é o melhor que existe. A corrupção está em ceder à sedução não do suborno, mas da natureza humana, do furioso rufar de nosso cérebro primitivo e dos sussurros internos de nossos sentimentos.

Quando comecei este livro, ninguém achava que Donald Trump fosse concorrer à presidência dos Estados Unidos, muito menos se *eleger* — nem mesmo o próprio Trump. Mas sua emergência se provou benéfica para minha tese mais ampla, mesmo que não tenha sido necessariamente benéfica para nossa sociedade. Argumento que a adoção do ramo de política de Donald Trump pela direita representa uma rendição potencialmente catastrófica para os princípios conservadores e um sinal de quão profundamente a corrupção se instalou.

Mas a ascensão de Trump é um sintoma de problemas mais amplos, não sua causa. Ela deve ser entendida, ao menos em parte, como reação à guinada da esquerda para a política identitária, que é somente outra forma de tribalismo. Tragicamente, essa reação gerou, ou ao menos solidificou, uma política identitária própria. O Milagre marcou o início de uma filosofia que diz que toda pessoa deve ser

julgada e respeitada por seus próprios méritos, não pela classe ou casta de seus ancestrais. A política identitária diz que cada grupo é uma categoria imutável, uma tribo permanente. Pior, ela age a partir da hipótese de que aquilo que beneficia um grupo ocorre à custa de outro.

A ascensão dos populismos e nacionalismos de esquerda e de direita que passaram a definir tanto da política atual é uma manifestação de corrupção. O Milagre trabalha com a hipótese de que o indivíduo é o centro moral de nosso sistema e, armado de razão, fatos, leis ou simplesmente moralidade (com sorte, todos os quatro), deve vencer qualquer embate contra uma multidão raivosa gritando com paixão tribal. Como argumento na Parte II, o gênio da constituição esteve em consagrar esse princípio na forma de lei.

Finalmente, há o último tema deste livro. Não ofereço muitas propostas de políticas públicas para remediar nossos problemas, em grande parte porque não acho que estejam relacionados a políticas públicas. A crise que atinge nossa civilização é fundamentalmente psicológica. Especificamente, estamos tomados pela *ingratidão* em relação ao Milagre. Nossas escolas e universidades, quando ensinam a tradição ocidental, o fazem de uma perspectiva de ressentida hostilidade por nossas realizações. Não é que a história que contam seja pura ficção — embora isso às vezes aconteça —, mas ela é, no melhor dos casos, uma meia verdade.

Considere o livro de Howard Zinn, *A People's History of the United States* [História dos Estados Unidos contada pelo povo]. Publicado em 1980, ele vendeu milhões de exemplares e é um dos textos mais amplamente consultados no país.¹¹

No início de *A People's History*, Zinn confessa que só quer contar a história norte-americana da perspectiva dos oprimidos:

Assim, na inevitável tomada de partido que vem da seleção e da ênfase em história, prefiro tentar contar a história do

descobrimto da América do ponto de vista dos aruaques, da constituição do ponto de vista dos escravos, de Andrew Jackson como visto pelos cherokees, da guerra civil como vista pelos irlandeses de Nova York, da guerra contra o México como vista pelos soldados desertores do exército de Scott, do surgimento do industrialismo como visto pelas jovens mulheres nas fábricas de tecido de Lowell, da guerra hispano-americana como vista pelos cubanos, da conquista das Filipinas como vista pelos soldados negros em Luzon, da era dourada como vista pelos fazendeiros sulistas, da Primeira Guerra Mundial como vista pelos socialistas, da Segunda Guerra Mundial como vista pelos pacifistas, do New Deal como visto pelos negros do Harlem, do império norte-americano do pós-guerra como visto pelos peões na América Latina.¹²

Tudo isso deve ser ensinado. Mas a ideia agora é que essa é *a única história que vale a pena conhecer*. Que *essa e somente essa* é a história da América. Ao transformar os fundadores em nada mais que gananciosos racistas brancos, ao denunciar Colombo como nada mais que um genocida, ao argumentar que a escravidão é um pecado unicamente ocidental e norte-americano, ao alegar que “civilização ocidental” e “excepcionalismo norte-americano” são somente eufemismos para “racismo” e “imperialismo”, os intelectuais tomados de *ressentimento* nas imponentes alturas de nossa cultura buscam transformar a história do Milagre em Maldição, deixando-os como únicos narradores legítimos de nossa civilização.

A maioria dos americanos não subscreve a visão da América defendida por Zinn. Mas creio que a maioria dos americanos é ingrata em relação àquilo que o Milagre nos trouxe. Às vezes, essa ingratidão se manifesta simplesmente ao darmos nossa boa fortuna como certa. E isso é suficiente para destruir uma civilização. Porque manter uma civilização, lutar contra a corrupção, dá *trabalho*. Se não ensinarmos

às pessoas como manter aquilo que têm de precioso, elas simplesmente não se dão o trabalho de defender essas coisas contra aqueles que pensam que o que temos é mau.

Assim como os filhos mimados dos ricos costumam se mostrar ingratos em relação às oportunidades oferecidas por seus pais, nós, como sociedade, somos ingratos em relação a nossa herança coletiva. O sistema sob o qual vivemos é como a proverbial gansa dos ovos de ouro.

Você provavelmente está familiarizado com a história, mas acho que seria instrutivo analisá-la mais de perto. Há muitas versões da fábula desde Esopo e a Antiguidade, mas as duas mais antigas no Ocidente vêm da França e da Inglaterra.

Na versão francesa clássica, a história é mais ou menos assim: um camponês e sua esposa descobrem uma gansa que bota um ovo de ouro por dia. Pensando a respeito, eles deduzem que ela deve ter uma grande pepita na barriga. A fim de pegar o ouro, eles a matam. Depois de fazerem isso, descobrem, para sua surpresa, que a gansa não difere em nenhum aspecto das outras. O imprudente casal agora não tem nem um montão de ouro, nem nenhum outro ovo.¹³

A versão anterior de William Caxton (1484) é ligeiramente diferente e mais fiel à de Esopo. Dessa vez, trata-se de um único fazendeiro. Não contente com um ovo de ouro por dia, ele ordena que a gansa dobre a cota. A gansa responde que não pode fazer isso (“E ela disse a ele/ Certamente,/ Meu mestre, não tenho como fazê-lo”). O fazendeiro fica furioso com a notavelmente generosa — e polida! — criatura e a mata.¹⁴

A moral de ambas as versões em geral é a mesma: a cobiça é má. Querer mais do que temos leva a nada termos. Mas a verdade é que as lições são bastante diferentes.

Na primeira versão, o camponês e a esposa usam a razão; na segunda, o fazendeiro sucumbe à raiva. As consequências práticas são as mesmas — o fim dos ovos de ouro —, mas os erros derivam de

tipos diferentes de tolice. Os camponeses não são insanos por pensar que uma ave que produz ovos de ouro deve ter ouro dentro de si. O fazendeiro, no entanto, é insano por não levar em consideração a palavra de uma gansa mágica quando ela insiste que não pode botar mais de um ovo de ouro por dia (uma riqueza imensa no século XV). E ficar tão furioso com a ave a ponto de matá-la é realmente insano.

Sim, ambas as histórias são sobre cobiça. Mas o que realmente as une é a *ingratidão*.

O que *você* faria se encontrasse uma gansa que bota um ovo de ouro por dia? Parece razoável supor que, sendo uma pessoa sensata, *você* cuidaria dela, deixando-a tão confortável quanto possível. *Você* a alimentaria melhor do que a uma gansa convencional. Poderia construir uma cerca em torno de seu ninho. Se a gansa polidamente dissesse precisar de certas coisas para manter a produção, *você* levaria essas solicitações a sério. Para usar outro provérbio antigo, *você* não olharia os dentes do cavalo que lhe foi dado.

Essas duas versões da gansa que bota ovos de ouro falam dos dois tipos de ataque ao Milagre. Em uma delas, a pura raiva gerada pela sensação de “Eu mereço mais!” leva à morte da criatura. Na outra, a *húbris* intelectual leva um casal a pensar que pode ser mais esperto que o Milagre o qual, literalmente, chegou gingando até suas vidas como um presente. A primeira é análoga à raiva populista que fervilha na esquerda e na direita. A segunda espelha a mentalidade de supostos intelectuais convencidos de que são mais espertos que o mercado e o sistema que herdaram. E ambas as histórias destacam a *ingratidão* que define nossos tempos.

Deixe-me encerrar com outra parábola, provavelmente mais familiar aos leitores.

Na cena de abertura de *O poderoso chefão* (tanto no livro como no filme), Don Corleone recebe visitantes no dia do casamento da filha. A tradição siciliana manda que ele conceda qualquer favor pedido nesse dia. Seu primeiro suplicante é Amerigo Bonasera, o agente

funerário.¹⁵

“Criei minha filha como americana”, diz Bonasera no livro que inspirou o filme. “Acredito na América. A América fez minha fortuna. Dei liberdade à minha filha, mas a ensinei a jamais desonrar sua família.”

Infelizmente, a filha começou a namorar um americano que tentou estuprá-la. “Ela resistiu. Ela manteve sua honra.” O namorado e outro jovem a espancaram violentamente em retaliação. “Fui à polícia, como bom americano”, diz ele. Mas, a despeito de ser julgados e condenados, os jovens receberam um tapinha na mão de um juiz leniente e provavelmente corrupto. “Eles foram soltos no mesmo dia. Fiquei em pé no tribunal, como um idiota, enquanto aqueles bastardos sorriam para mim. Então disse à minha mulher: ‘Vamos pedir justiça a Don Corleone.’”

Don Corleone interrompe o silêncio para perguntar: “Por que você procurou a polícia? Por que não veio me ver no começo dessa história?”

Bonasera tergiversa e pergunta: “O que o senhor quer de mim? Diga-me o que quer. Mas faça o que estou lhe implorando para fazer.” Então ele sussurra no ouvido do Don, dizendo que deseja ver os jovens mortos.

O Don diz ao agente funerário que ele está exagerando, que essa punição não é razoável. O agente funerário responde, sem rodeios: “Eu pago o que o senhor pedir.”

Isso enfurece Don Corleone. Em uma voz que Mario Puzo descreveu como “fria como a morte”, ele responde: “Nós nos conhecemos há muitos anos [...] mas, até hoje, você jamais me procurou em busca de conselho ou ajuda. Não me lembro da última vez em que fui convidado para tomar café na sua casa, apesar de a minha mulher ser madrinha de sua única filha. Sejam francos. Você recusou minha amizade. Você temia ficar em dívida comigo.”

O agente funerário murmura: “Eu não queria me meter em

confusão.”

Don Corleone o interrompe com um gesto. “Não. Não fale. Você achou que a América era um paraíso. Você tinha um bom negócio, vivia bem, achava que o mundo era um lugar inofensivo cujos prazeres você podia aproveitar à vontade. Você jamais se cercou de amigos verdadeiros. Afinal, a polícia o protegia, havia tribunais, você e os seus não sofreriam nenhum mal. Você não precisava de Don Corleone. Muito bem. Eu fiquei magoado, mas não sou o tipo de pessoa que impõe sua amizade àqueles que não a valorizam, àqueles que não me têm em grande conta.”

O Don sorri desdenhosamente. “Agora você vem até mim e diz: ‘Don Corleone, faça justiça.’ E você não pede com respeito. Você não oferece amizade. Você entra na minha casa no dia do casamento da minha filha, pede que eu mate e diz ‘Pago o que o senhor pedir’. [...] O que eu fiz para que você me tratasse com tanto desrespeito?”

O agente funerário responde: “A América foi boa para mim. Eu queria ser um bom cidadão. Eu queria que minha filha fosse americana.”

O Don aplaude sardonicamente e diz: “Muito bem dito. Muito bem. Então você não tem do que se queixar. O juiz decidiu. A América decidiu. Leve flores e chocolates para sua filha quando for visitá-la no hospital. Isso a confortará. Fique contente. Afinal, não foi uma coisa séria, os garotos são jovens, ardorosos, e um deles é filho de um político poderoso [...] Então me dê sua palavra de que você deixará essa loucura de lado. Isso não é americano. Perdoe. Esqueça. A vida é cheia de infortúnios.”

Os dois discutem sobre justiça *versus* vingança. E, novamente, o agente funerário pergunta: “Quanto devo pagar ao senhor?” O Don, furioso, vira as costas para Bonasera e pergunta: “Por que você tem medo de me oferecer sua lealdade?” Ele fala sobre a demora e a corrupção do sistema norte-americano. “Você vai aos tribunais e espera meses. Você gasta dinheiro com advogados que sabem muito

bem que o farão de bobo. Você aceita a decisão de um juiz que se vende como a pior prostituta de rua [...] Se você tivesse me procurado em busca de justiça para a escória que arruinou sua filha, eles estariam derramando lágrimas amargas até hoje. Se, por algum infortúnio, um homem honesto como você fizesse inimigos, eles seriam meus inimigos [...] e então, creia-me, eles teriam medo de você.”

O agente funerário finalmente entende e implora: “Seja meu amigo. Eu aceito.” Quando Bonasera cede e pede que Don Corleone seja seu amigo, ele está voltando as costas para a América. Está rejeitando — não sem razão, é claro — a visão de mundo lockiana, o Milagre, em favor de uma ordem política mais natural e eterna. Ela age a partir da suposição de que não há uma ordem estendida de regras e contratos abstratos, mas somente poder, lealdade, reciprocidade, alianças, honra e amizade. Certo e errado são definidos por aquilo que é bom para sua tribo. Não é coincidência o fato de o nome Amerigo Bonasera ser traduzido do italiano como “Boa noite, América”.

O universo moral de *O poderoso chefão* é o universo moral de todas as políticas anteriores ao Milagre. Ele é natural. Ele espreita por baixo da superfície de toda sociedade e toda alma. Está lá, esperando para reciclar o Milagre e devolver a humanidade à natureza. E tudo que a natureza precisa é que permitamos. Nada é garantido. Nada está escrito. Tudo que é bom no mundo exige trabalho. Espero que este livro ajude na tarefa que cabe a cada um de nós.

1. Tradicionalmente, a data de emergência do *Homo sapiens* foi há cerca de 200 mil anos. Pesquisas mais recentes sugerem que os primeiros *Homo sapiens* podem ter existido na área do que hoje é o Marrocos há uns 300 mil anos. Usei a média.

2. Pense nisso da seguinte maneira. Meu pai nasceu quando Oliver Wendell Holmes estava na Suprema Corte. Holmes lutou na Guerra Civil Americana sob Abraham Lincoln. Lincoln era um jovem que trabalhava em uma fazenda de Indiana quando John Quincy Adams foi eleito presidente. Em 1775, Adams, ainda menino, ouviu os tiros do Cerco de Boston, durante o qual George Washington comandou as forças coloniais. Washington nasceu em 1732, no alvorecer do Milagre. São cinco vidas humanas. Se quiser seis, o pai de Washington nasceu em 1694 e morreu à avançada idade de 48 anos, cerca de quatorze anos além da expectativa de

vida média de um inglês ou colono naquela época.

3. Irving Kristol afirmou que não existem teorias econômicas não capitalistas. Acho que ele está certo. No momento em que um sistema econômico supostamente alternativo deixa de reconhecer o papel dos mercados e dos preços, ele deixa de ser um sistema econômico e se torna uma ideologia romântica que usa a linguagem da economia para soar mais atraente ou abalizada.